

**Cadernos
classificados:**
*O melhor entre as
ofertas de emprego*

BOA CHANCE

**Concursos
e estágios:**
*As inscrições
abertas • 2*

DOMINGO, 31 DE JANEIRO DE 2010

Mercado de gargalos

Falta de mão de obra qualificada, uma barreira que se espalha por diferentes setores

Paula Dias

O mercado de trabalho chega a 2010 precisando vencer um dos maiores entraves ao seu desenvolvimento: falta de pessoal qualificado.

E com um agravante: o gargalo de mão de obra agora se espalha por profissões que atendem a diferentes setores, como saúde, tecnologia e serviços, além das engenharias.

Faltam profissionais justamente nas áreas em que o ritmo de contratações rompeu o ano acelerado. No caso dos engenheiros (civil, me-

cânico, elétrico, naval, nuclear e de petróleo, principalmente) e profissionais formados em computação, a oferta é insuficiente para atender à demanda crescente de projetos. No do pessoal do setor de turismo, a dificuldade passa por deficiência em formação. Já quando o assunto é saúde, a escolha por determinadas especializações acaba gerando escassez em outras.

— Quando o médico sai da faculdade, ele tem a tendência de escolher áreas em que é possível cobrar não só pelas consultas, mas também por procedimentos. Com isso, dermatologia e cirurgia plástica, por exemplo, acabam sendo mais

procuradas do que pediatria e clínica geral. Faltam médicos dessas especialidades no *front* — afirma Luís Fernando Moraes, presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio (Cremerj).

Outro indicador da dificuldade de encontrar mão de obra qualificada é o baixo tempo de recolocação do profissional que busca emprego. Formado em processamento de dados, Bruno Barros, de 29 anos — recém-contratado pela Elumini, de TI —, não ficou nem duas semanas sem trabalho quando pediu demissão do estaleiro Keppel FELS Brasil, onde era responsável pela parte de *business solution*:

— Quem trabalha com informática dificilmente fica desempregado. Há muitas vagas, pois quase todas as empresas têm uma área de tecnologia, seja própria ou terceirizada.

Já Eduardo Vianna, de 24 anos, nem teve chance de ser disputado pelo mercado. O engenheiro mecânico garantiu uma vaga na Petrobras antes mesmo de se formar.

— Eu estagiava num estaleiro quando passei no concurso. Tive que acelerar a formatura para me apresentar — diz Vianna, que precisou se mudar de Fortaleza, onde morava, para o Rio. — Quando optei por engenharia mecânica, meu pai avisou que as oportunidades

estavam no Sudeste. Agora, eu quero fazer carreira aqui.

Dentro do setor de serviços, a maior queixa dos empresários de turismo — área que apresenta novo gargalo, diante dos próximos eventos esportivos — é a falta de qualificação, segundo Alexandre Sampaio, presidente do Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes (SindRio):

— A estimativa para 2010 é que sejam criadas ao menos 500 vagas, de nível gerencial para cima. Por isso, a meta é investir pesado em profissionalização. Estamos melhorando nossas instalações e pensamos em fechar parcerias com instituições de ensino na área. *Continua na página 3*

O ENGENHEIRO

Eduardo Vianna: vaga na Petrobras, antes de se formar



RICARDO LORENZET,

que é engenheiro agrônomo, acaba de ser contratado na XP Investimentos

BRUNO BARROS,

da área de TI, trabalha na Elumini; nem duas semanas desempregado



Fabio Rossi



Alia Branco

MERCADO DE GARGALOS • Continuação da página 1

Delimitar atuação pode abrir caminhos

Carência de pessoal capacitado é maior em segmentos específicos de trabalho e áreas de alta complexidade

Quanto mais específico o setor de atuação e a atividade do profissional, maior o nível de dificuldade para encontrar gente capacitada, afirma Ana Paula Ramos, consultora da Across, empresa de recrutamento e gestão de carreira para alta e média gerência, que no momento conta com 40 vagas abertas para executivos:

— É um bom momento para se lançar no mercado. Mas é preciso lembrar que o período de recolocação pode ser rápido ou demorado, dependendo da complexidade da área.

Não à toa, um dos maiores gargalos se manifesta no setor de petróleo e gás. O problema não é encontrar engenheiros disponíveis, mas sim profissionais que tenham formação específica nesse campo de atuação. Segundo Lairton de Souza, gerente de gestão do efetivo de RH da empresa, boa parte dos funcionários recém-admitidos — inclusive de nível técnico, para os setores de operações, manutenção e inspeção de equipamentos — não começam a trabalhar de imediato. Dependendo da função, o profissional pode passar até 11 meses em treinamento.

‘Não há outra saída a não ser acelerar a formação’

— A formação é genérica demais para a especificidade do segmento, então, o jeito é investir em capacitação. Isso está começando a melhorar agora, com o surgimento de cursos voltados para petróleo e gás — diz Souza.

Para Antonio Rezende, responsável pela área de pessoas e organização da Odebrecht — que pretende contratar 42 mil pessoas até 2012, sendo dez mil até o fim deste ano — não há outra saída a não ser acelerar a formação de profissionais.

— Todo projeto de construção e infraestrutura precisa não só de engenheiros, mas também de administradores e grupo técnico. Quando vamos até o mercado buscar pessoal, percebemos que quem é espe-



Gabriel de Paula

FORMADA EM
administração,
Adriana
Simões está
em busca de
uma vaga na
área comercial

riente já está empregado. Treinar internamente acaba sendo a solução — afirma Rezende.

O fôco da XP Investimentos pode não ser engenharia, mas nem por isso a empresa de consultoria financeira — que admitiu 31 novos funcionários desde o início do mês — está imune à escassez de gente qualificada. Ainda com 25 vagas abertas na matriz, no Rio, a procura é por formados em administração, ciências econômicas e contabilidade.

— Diploma não basta. É preciso conhecer o mercado financeiro. Algumas funções são ainda mais difíceis porque exigem no-

ções muito específicas: sobre renda fixa, por exemplo — diz o diretor Marcelo Maisonnave.

Recém-contratado pela companhia, o engenheiro agrônomo Ricardo Lorenzet, de apenas 24 anos, é a prova de que quanto pode ser decisivo optar por um segmento específico dentro da carreira. Ao contrário dos colegas de faculdade, que focaram na parte de produção, ele seguiu um caminho menos visado: o da comercialização. E conquistou uma vaga de analista de commodities na empresa.

— Eu trabalhava em uma cooperativa de produtores agríco-

las, cuidando das operações comerciais. Esse *know-how* foi fundamental para conseguir a vaga — conta Lorenzet, que hoje analisa ações de milho e soja.

Procurando emprego desde o início do mês, quando deixou o trabalho de captação de recursos em uma ONG, a administradora Adriana Simões, 43 anos, também escolheu um fôco: a área comercial, crescente diante do cenário pós-crise.

— Procuo vagas para os cargos de consultora de vendas ou assessora comercial. É uma área promissora, que sempre precisa de profissionais experientes. ■

Engenharia: problema começou nos anos 80

Ministro defende reforço educacional

Geralda Doca e Eliane Oliveira

• BRASÍLIA. O gargalo de mão de obra de engenharia no Brasil teve origem nos anos 80, afirma o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Base (Abdiib), Paulo Godoy. Como havia poucas obras, não existia perspectiva consciente de crescimento profissional para engenheiros — muitos migraram até mesmo para o mercado financeiro. Agora, foram retomados grandes projetos de energia elétrica, saneamento básico, transportes e habitação.

— Há muitos casos de engenheiros aposentados que estão sendo convidados a voltar ao trabalho — diz.

A Petrobras, por exemplo, vai contratar dois mil engenheiros nos próximos três anos nos subsetores mecânico, elétrico e eletrônico.

José Eduardo Figueiredo, da empresa Ilesa Óleo e Gás, conta que levou seis meses para encontrar um engenheiro com experiência para uma refinaria do Nordeste. A companhia também costuma importar engenheiros da Argentina e do Chile.

Preocupado com o déficit de engenheiros em áreas estratégicas, o ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge, defende um urgente esforço na área educacional. Ele propõe, por exemplo, que bancos públicos e privados financiem a graduação de estudantes de baixa renda para que, ao serem contratados, eles pos-

sam pagar o empréstimo com os salários que receberão como formados:

— O país ficou de 25 a 30 anos sem investimentos em grandes obras. Sem contar que, hoje, é mais barato para as universidades oferecerem vagas em ciências humanas que em exatas.

Diretor de RH da Mc Lane, empresa que oferece serviços de logística, transporte, armazenagem e gerenciamento de estoque, Fernando Lima sente diretamente os efeitos do apagão. Não consegue contratar pessoal especializado em engenharia e tecnologia da informação nem supervisores e gerentes na área de logística.

A empresa, que tem 1.600 funcionários, cresceu 120% em 2009, e espera registrar o mesmo índice em 2010.

— As vagas estão permanentemente abertas. Há uma guerra por talentos e acabamos perdendo profissionais — conta Lima.

Educadora e graduada em engenharia mecânica na Universidade de Brasília (UnB), Aida Fadel destaca que 50% dos alunos desistem no meio do curso. Ela coordena o Projeto de Educação em Ciências Continuadas de Engenharia (Precoce), desenvolvido em conjunto por governo e CNI, para despertar o interesse de estudantes do ensino médio por engenharia.

— A ideia é que o aluno perceba a aplicação prática da física, da química, da matemática, da informática e da biologia no seu cotidiano.